

**RELATÓRIO
E CONTAS****RUI PATRÍCIO**
Advogado

Maio premiado

Maio floresceu com agradáveis cores e perfumes, tão relevantes foram as visitas que tivemos e nos fizeram abrir a boca de espanto e nos encheram o coração de alegria. Nem falo do Papa, fico-me por personalidades mais terrenas, embora não menos celebradas nos altares da pátria. Madonna esteve entre nós, e curvamos-nos de reverência e felicidade, e ela mostrou-nos como o país é maravilhoso. Já suspeitávamos, sobretudo desde que ganhámos o Europeu de futebol e a Eurovisão, e desde que não se consegue habitar nem circular no centro de Lisboa e do Porto, mas é sempre bom que haja Madonnas que no-lo venham evidenciar. Por outro lado, vários superjuizes – elevados a um misto de estrela “pop” e de sacerdote iluminado – estiveram também entre nós, e igualmente nos curvamos de reverência e felicidade, e eles mostraram-nos como o país poderia ser ainda mais maravilhoso. Já o Eça dizia que apreciamos sobremaneira o que vem de além-fronteiras, mesmo que já o tenhamos cá ou

Já o Eça dizia
que apreciamos
sobremaneira
o que vem de
além-fronteiras,
mesmo que já
o tenhamos cá.



Pedro Nunes/Reuters

o traduzamos depois em calão, mas alargámos os horizontes, dantes era o que vinha de França, agora, em tempos de globalização, é bom o que vem de todo o lado, desde que nos inunde de sensações de modernidade e de “life style”.

Eu de religião não percebo e de música percebo pouco, e já mal me recordo dos tempos em

que Madonna cantava. Mas de justiça percebo alguma coisa, e já não sou “like a virgin”, pelo que aqui ficam umas linhas sobre a oração da “colaboração premiada”, que comoveu e encheu de esperança o coração dos compatriotas. Antes do ámen, vejamos porém quatro ideias feitas e muito repetidas, e que inalm me recordo dos tempos em

lavras “pop” ou os dogmas sedutores permitem debate).

Primeiro: a premiação da colaboração de suspeitos ou condenados não é entre nós nenhuma novidade, e já existem inúmeras formas de relevância da mesma, algumas com décadas. Surpreendidos? Pois, mas se estão, é pena, porque convém sempre escavar um pouco por baixo da estrepitosa espuma dos dias, das notícias embasbacadas e das celebrações ligeiras nas redes sociais e nas conversas de café. Segundo: começar a discussão pela necessidade e pela utilidade da figura da dita colaboração é um mau começo, pela simples razão de que os fins não justificam os meios. A tortura, por exemplo, talvez seja às vezes necessária, e quase sempre será útil, mas isso não a torna legítima ou boa. Terceiro: nestas coisas não servem, ou pelo menos não deveriam servir numa sociedade que se diz aberta e democrática, e preocupada com a erosão do Estado de Direito, da democracia e dos direitos individuais, maniqueísmos que dividem entre “bons” e “maus” os que são a favor e contra. As coisas são um nadinha mais complexas, e seguramente mais sérias, não se trata de nenhum débi na Segunda Circular. Quarto, e mais grave do ponto de vista de uma discussão séria e responsável: o ponto não é bem ser a favor ou contra, a questão não é um simples sim ou não. A questão é saber o como, é saber o que estamos afinal a discutir, com que contornos e com que regras, com que pressupostos e com que limites, com que fundamentos e razões, virtudes e defeitos. A questão envolve mais do que parangonas e frases feitas. E, peço-me que vos mace, a questão envolve algum estudo, alguma reflexão e algum trabalho, nomeadamente jurídico, tudo coisas que talvez não caibam em maldisfarçadas ambições políticas ou que perturbem a digestão de um saboroso “brunch”, sobretudo num tempo quente que convida a descansadas tardes de esplanada ou de sol e mar. ■

Artigo em conformidade
com o novo Acordo Ortográfico